

## VISITA DOCENTE NO POLO DE MACAÉ: UM REENCONTRO COM A DOCÊNCIA

**Anelize Pires Reynozo da Silva**

*O narrador conta o que ele extrai da experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.*

*Walter Benjamin (1994)*



A visita docente é uma prática prevista no curso de Licenciatura em Pedagogia a distância – UNIRIO e se configura em um momento onde todos os docentes têm uma oportunidade singular de aproximar-se dos seus alunos, suas realidades e anseios. Todos os anos, como Coordenadora de Tutoria, deveria me fazer presente em um dos polos de apoio presencial<sup>1</sup>, buscando sempre com esse encontro desenvolver o processo de escuta. Ouvir, acolher cada fala, era a minha primorosa contribuição.

O ano era 2017, o polo era Macaé, fui designada para essa visita em uma manhã de sábado e já no processo de escolha da conversa que realizaria, percebi que falava muito de mim, da minha trajetória acadêmica e da insegurança que esse universo trazia aos meus dias. Cabe aqui contextualizar que estava no segundo ano do Doutorado em Educação e a minha relação com a prática de pesquisa não estava muito harmônica. Assim, entendo que escolher a temática “Eu, pesquisador?” falava muito do momento, do presente e dos conflitos por mim vivenciados. Eu realmente estava compartilhando

---

<sup>1</sup> O Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO – Modalidade a Distância - conta com dezoito polos de apoio presencial. Semestralmente, o curso envia um coordenador de disciplina ou de Tutoria para representar a Universidade junto aos polos e a tal prática, denominamos Visita Docente.

com os discentes as minhas fragilidades e sem a menor intenção de revelar isso a eles, a priori.

A sala estava bem cheia naquela manhã, mas falar da prática da pesquisa, das incertezas dos seus rumos, dos caminhos que eles poderiam seguir com suas investigações, me parecia confortável. Ao final da exposição, deixei alguns minutos para os alunos trazerem as suas inseguranças, porque as minhas eu já tinha revelado. Não era essa a intenção, mas quando me dei conta, estava ali diante deles, completamente desarmada, mostrando-me, apresentando-lhes todo o meu processo e a minha constituição enquanto “ser pesquisador”.

Entendo que revelar a minha história foi elemento chave para gerar aproximações. A partir daquele momento, os rostos que antes se mostravam estáticos, tensos, diante de um representante da Universidade, já sofriam uma transformação visível, eram feições próximas, leves e traziam falas naturais, confidenciais. Eles também me apresentaram muitas das suas incertezas com o curso, com as suas futuras pesquisas e escritas.

A promoção de um ambiente de escuta, de proximidades, sempre foi a minha concepção de visita docente. Era mesmo um espaço de fala dos alunos, onde dariam as suas contribuições para o curso. E assim, caberia aos docentes levá-las ao coletivo do curso, no intuito de transformá-las em práticas cotidianas. O que realmente se fez um elemento surpresa foi o fato das múltiplas vozes me tocarem de uma maneira muito singular. Eu, que desejava despertar o “ser pesquisador” neles, me via, a cada fala, preenchendo-me de um “ser docente”, que há tempos estava adormecido. Me via experimentando as palavras de Freire (2008), compreendendo que, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

A minha experiência com o magistério começou no ano de 2000, em turmas de Educação Infantil e em 2010 foi ressignificada, quando passei a me dedicar a outras questões ligadas à Educação. Trazer à tona o meu “eu professor” naquela visita, foi um reencontro com a minha identidade profissional. Corroboram com esse momento, as palavras de Pimenta (2002), quando,

“define que a identidade profissional do professor se constrói a partir da significação social da profissão [...] constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. Assim, como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas

escolas, nos sindicatos, e em outros agrupamentos” (PIMENTA, 2002, p.07).

Refletindo a respeito das colocações da autora, percebo que minha rede de relações foram os discentes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO – Modalidade a Distância. Foram eles quem me trouxeram de volta. Talvez eu nunca tenha deixado de ser professora, o que me faltava era mesmo um despertar e uma dimensão maior sobre o que é ser professor. Considero, pois, que não é simples viver e compreender essa prática, sobretudo, quando temos em mente que a profissão de professor é complexa, caracterizada pela incerteza e pela ambiguidade das funções (MORIN, 2001).

No conceito de complexidade trazido por Morin (2001) também cabe pensar que a constituição ou a reconstrução de um “ser professor”, é também processo de uma relação com o outro, sendo o outro aqui, os outros, os alunos, com quem compartilhei experiências, em uma constante troca de saberes, necessidades e histórias.

Ainda nesse movimento de me constituir-se enquanto docente, busco conforto nas palavras de Amorim (2004), que mesmo se reportando ao pesquisador, peço licença para trazê-la, pois também entendo o professor como “aquele que recebe e acolhe o estranho, mas ao mesmo tempo, é também aquele que é acolhido e recebido por ele(s), diante de um momento de estranhamento” (AMORIM, 2004, p.4). É nesse contexto que encontro-me, como quem foi acolher, ouvir e de lá saiu acolhida, transformada, ressignificada.

Nesse movimento, nos vemos totalmente comprometidos com os pressupostos de uma Pedagogia Social, na medida em que aqui, tomamos os sujeitos em seus contextos, suas subjetividades, como aqueles que se articulam em um espaço de liberdade, convivência, troca, que caminham ao encontro do outro, transformando realidades e histórias.

Em resumo, penso que esse encontro marcado com o outro trouxe reencontros inesperáveis comigo mesma, na medida em que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). E assim, Larrosa (2002) me ajuda a pensar que nenhuma experiência se repete, pois a cada instante se renova, revitaliza, “ela é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pre-ver’ nem ‘pré-dizer’”. (LARROSA, 2002, p. 28).

## **Referências Bibliográficas**

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. Musa, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED; Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 3.ª ed., São Paulo, Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.) *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

*Sobre a autora:*

*Profª. Doutora de Metodologia da Pesquisa em Educação – UNIRIO – LIPEAD*

*Coordenadora de Tutoria UNIRIO/UAB/CEDERJ*

*Técnica em Assuntos Educacionais – Escola de Educação – UNIRIO/LIPEAD*